

LIÇÃO Nº 9 – UMA IGREJA QUE SE ARRISCA

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 31/08/2025.
E-mail do autor: inacioneto@inaciocarvalho.com.br

Texto Áureo:

At 7.55

Mas ele, estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Atos 6.8-15; 7.54-60.

Atos 6

8 E Estêvão, cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo.

- No versículo 5, Estêvão foi descrito como “cheio de fé e do Espírito Santo”. Aqui somos informados de que ele estava cheio de fé e de poder. O poder seria o do Espírito Santo, de modo que estes dois itens são intimamente correspondentes. Mas, ao invés da fé, o melhor texto grego apresenta “graça”. Este termo significativo não aparece nunca nos textos de Mateus ou Marcos, e somente quatro vezes no texto de João. No entanto, Lucas utiliza-o oito vezes no seu Evangelho e dezesseis no livro de Atos. Paulo emprega o mais de cem vezes nas suas treze epístolas.

- Ele representava uma nota dominante no pensamento religioso e teológico tanto de Lucas quanto de Paulo. Capacitado com graça e poder, Estêvão fazia prodígios e grandes sinais (milagres). Não sabemos qual a natureza deles, mas podemos perfeitamente supor, com base no ministério dos discípulos, descrito tanto nos Evangelhos quanto no livro de Atos, que eles eram principalmente milagres de cura e de expulsão de demônios.

9 E levantaram-se alguns que eram da sinagoga chamada dos Libertos, e dos cireneus, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia e da Ásia, e disputavam com Estêvão.

- Este gracioso ministério de Estêvão não prosseguiu sem desafios. Logo surgiu a oposição, vinda da sinagoga (9). Esta palavra aparece aqui pela primeira vez no livro de Atos. Lucas usa *synagogue* mais frequentemente do que qualquer outro autor do Novo Testamento — 35 vezes (quinze no seu Evangelho e vinte no livro de Atos) em um total de 57. A palavra, que significa literalmente “uma reunião”, é tomada diretamente do grego. Como no caso do termo igreja, ela foi primeiramente aplicada à congregação, e mais tarde ao edifício. Nos Evangelhos, ela normalmente se refere ao lugar de adoração. Aqui, designa a congregação.

- Existe grande incerteza com respeito a quantas sinagogas são indicadas neste versículo. Os estudiosos disseram: uma, duas, três, quatro e cinco — e todas as hipóteses são possíveis, no que diz respeito ao texto grego. Schuerer “não tinha certeza se a menção se refere a uma ou a cinco congregações”, mas finalmente eles se decidiram a favor de cinco.TM Lechler (Lange’s Commentary)¹⁷⁹ e Hackett¹⁸⁰ concordam que havia cinco. Mas, colocando-as juntas, as da Cilícia e da Ásia (províncias da Ásia Menor), poderíamos pensar em quatro sinagogas. Page opina que são três: 1. A dos Libertos; 2. A dos Cireneus e dos alexandrinos; 3. A da Cilícia e da Ásia.¹⁸¹ Knowling e Plumptre opinam que são duas. Calvin sustenta que havia somente uma sinagoga, composta dos Libertos das quatro regiões listadas. Bruce concorda. Ele diz: “Estou propenso a pensar que somente se faz referência a uma sinagoga, freqüentada por homens libertos judeus ou seus descendentes, dos diversos lugares mencionados”. Esta pode ser a melhor conclusão.

- Alexander modifica-a um pouco, ao escrever: “Uma construção diferente, e talvez a mais simples, é conectar synagogue somente com o primeiro nome, e entender o resto dos indivíduos como pertencendo às nações mencionadas”. A respeito do significado de Libertos, Luby diz: “os Libertinoi eram provavelmente os descendentes de alguns judeus que tinham sido levados a Roma como cativos por Pompeu (63 a.C.) e tinham sido libertos (libertini) pelos seus opressores. Depois do seu retorno a Jerusalém, tinham formado uma congregação e usavam particularmente uma Sinagoga”. Os Cireneus eram de Cirene, no Norte da África, onde viviam muitos judeus. Os alexandrinos eram da Alexandria, no Egito, somente superada por Roma como a maior metrópole do Império Romano (ver mapa 3). Existem evidências abundantes de dois escritores judeus do século I, Filo e Josefo, de que grande parte da população desta cidade consistia em judeus. Knowling diz: “Segundo Filo, dois dos cinco distritos da cidade... eram chamados de ‘os Judaicos’, devido ao número de judeus que habitavam neles. Um quarteirão, o Delta, era inteiramente habitado por eles”.

- Cilícia é de especial interesse, uma vez que é a província natal de Paulo. E perfeitamente provável que o jovem fariseu Saulo pertencesse a esta sinagoga e disputasse com Estêvão. A Ásia, como sempre no Novo Testamento, refere-se à província romana da Ásia, localizada na extremidade oeste da Ásia Menor (a moderna Turquia). Disputar é a palavra “usada para referir-se aos capciosos questionamentos dos fariseus (Mc 8.11) e dos escribas (Mc 9.14) a Jesus e aos seus discípulos”.

10 E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava.

- Os oponentes de Estêvão não foram capazes de resistir — a mesma palavra usada para a promessa de Cristo em Lucas 21.15 — à sabedoria e ao Espírito com que falava (10). A palavra Espírito deve ter a inicial maiúscula (cf. ASY, RSV). Era o Espírito Santo quem dava a Estêvão a sabedoria para falar tão eficazmente, de modo que não havia resposta para os seus argumentos.

11 Então, subornaram uns homens para que dissessem: Ouvimos-lhe proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus.

- Como não podiam competir com a argumentação inspirada de Estêvão, os seus oponentes recorreram a meios desonestos para combatê-lo. Eles subornaram uns homens (11). O verbo grego (somente aqui no NT), que significa literalmente “desorganizar”, finalmente foi usado no sentido de “instigar”. Lake e Cadbury comentam: “Ele se aplica à instigação secreta de pessoas que recebem sugestões sobre o que devem dizer, e é muito parecido com uma tramóia moderna”.¹⁹¹ (Cf. RSV, “instigar secretamente”; Phillips, “corromper”.)

12 E excitaram o povo, os anciãos e os escribas; e, investindo com ele, o arrebataram e o levaram ao conselho.

- Os oponentes helênicos de Estêvão excitaram (12) — somente aqui no Novo Testamento — o povo, os anciãos e os escribas — alguns dos quais talvez fossem ouvintes do debate. Investindo com ele, o arrebataram [prenderam] e o levaram ao conselho [o Sinédrio], “Prender” (um termo que só é usado por Lucas) é um verbo forte, como “arrebataram”. Lumby diz: “as palavras indicam uma boa dose de violência”.

13 Apresentaram falsas testemunhas, que diziam: Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar e a lei;

- Como não tinham nenhuma acusação verdadeira para trazer contra Estêvão, os líderes apresentaram falsas testemunhas (13), como haviam feito anteriormente com Jesus (Mc 14.56-57). Provavelmente, com considerável sentimento, elas declararam: Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar e a lei. Não havia acusação mais grave que pudessem ter feito contra ele. O Templo e a Lei eram as duas coisas tidas como mais sagradas pelos judeus. Falar contra eles era considerado um crime que merecia a pena capital.

14 porque nós lhe ouvimos dizer que esse Jesus Nazareno há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés nos deu.

- A seguir, eles citaram um exemplo específico da suposta blasfêmia. Eles tinham ouvido Estêvão dizer — assim afirmavam — que esse Jesus Nazareno há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés nos deu (14). Assim como os líderes judeus haviam torcido o que Jesus tinha dito sobre o seu corpo ser destruído (Mc 14.58), agora eles também distorceram as palavras de Estêvão — supondo que o que ele tinha dito era similar ao que encontramos em 7.48-50. Como Jesus, no monte das Oliveiras (Mc 13.2), havia predito a destruição do Templo, talvez seja possível que Estêvão tenha ecoado as palavras do Mestre.

- Quanto à mudança dos costumes, as suas palavras no capítulo 7 podem ser interpretadas como uma sugestão disso. Assim, ele pode ter dado esta impressão anteriormente, por alguma coisa que tivesse dito.

15 Então, todos os que estavam assentados no conselho, fixando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo.

- Qual foi a reação de Estêvão a estas falsas acusações? Não foi ira, mas sim amor. Os membros do Sinédrio viram o seu rosto como o rosto de um anjo (15). Esta era uma prova visível do fato de que ele estava “cheio do Espírito Santo” (5). Como o rosto de Moisés brilhava quando ele desceu do monte Sinai, depois de quarenta dias na presença de Deus, e como o rosto de Jesus se transfigurou no monte, também o semblante de Estêvão se iluminou com a glória do outro mundo. Esta cena retrata vividamente a diferença entre um judaísmo decadente e um cristianismo cheio do Espírito.

Atos 7

54 E, ouvindo eles isto, enfureciam-se em seu coração e rangiam os dentes contra ele.

55 Mas ele, estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus,

- A medida que os membros do Sinédrio ouviam a denúncia que Estêvão fazia da sua rebelião obstinada, enfureciam-se em seu coração (54). O verbo é o mesmo usado em 5.33 (ver os comentários ali). Rangiam os dentes contra ele reflete Salmos 35.16. Qual foi a reação de Estêvão a esta explosão de ódio? Estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus — “i.e., uma manifestação sensível da sua presença”.²⁴⁰ Ele também viu Jesus, que estava à direita de Deus — “a posição de honra e de poder equivalente”.²⁴¹ Como Jesus normalmente é representado sentado à direita do Pai (Mt 26.64; Ef 1.20; Cl 3.1; Hb 1.3,13; 8.1; 10.12), a maioria dos comentaristas, desde Gregório, o Grande, assumiram a palavra “estar”, nesta passagem, como simplesmente implicando que Jesus levantou-se para assistir e receber o seu primeiro mártir.

56 e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus.

- Estêvão deu testemunho do que ele estava vendo (56). A expressão Filho do Homem ocorre somente aqui no Novo Testamento fora dos Evangelhos. Nos Evangelhos, é um título usado por Jesus para referir-se a si mesmo, aproximadamente oitenta vezes. A cena que se seguiu é um comentário triste sobre o judaísmo daqueles dias.

57 Mas eles gritaram com grande voz, taparam os ouvidos e arremeteram unânimes contra ele.

- Os ouvintes de Estêvão gritaram com grande voz, taparam os ouvidos — como para não ouvir mais nenhuma de suas palavras — e arremeteram unânimes contra ele (57).

58 E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo.

- Eles o expulsaram da cidade — para que não mais corrompesse o lugar sagrado! — e o apedrejaram (58). A lei exigia que as testemunhas atirassem as primeiras pedras ao criminoso condenado (Dt 17.7). Estas falsas testemunhas (cf. 6.13) depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo. Esta é a primeira menção àquele que iria se tornar o grande apóstolo Paulo. O jovem fariseu nunca se esqueceu da cena que testemunhou naquele dia.

59 E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito.

- Então apedrejaram a Estêvão (59). Em evocação, tem o particípio singular, indicando Estêvão. Este trecho poderia ser traduzido da seguinte forma: “Ele estava chamando...”.

60 E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu.

- Esta oração do primeiro mártir, na hora da morte — Senhor, não lhes imputes este pecado (60) foi um eco da oração do Senhor na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23.34). Estêvão tinha o espírito do seu Mestre. Este incidente destaca o “Triunfo em meio à Tragédia”: 1. A

vingança humana (54); 2. A visão celestial (55-56); 3. A maldade horrível (57-58); 4. O perdão divino (55-60).

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – Aviva ó, Senhor, a tua obra**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As Promessas de Deus São Infalíveis**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GONÇALVES, José. **A igreja em Jerusalém: Doutrina, Comunhão e Fé – Base para o Crescimento da Igreja**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.
- GONÇALVES, José. **Lições Bíblicas: A igreja em Jerusalém: Doutrina, Comunhão e Fé – Base para o Crescimento da Igreja**. Rio de Janeiro: CPAD, 2025.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **Uma igreja que se arrisca**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides. **Uma igreja que se arrisca**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Uma igreja que se arrisca**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com.br>
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.